A Pequena Casa

História e ilustrações
de
Virginia Lee Burton

Era uma vez uma Pequena Casa situada algures no campo.

Era bonita, robusta e bem construída.

O homem que assim a construíra dissera:

Esta casa nunca irá ser vendida por ouro ou prata e nela viverão os tetranetos dos nossos tetranetos.

A Pequena Casa sentia-se feliz naquela colina,
a observar a paisagem que a rodeava.

Via o sol erguer-se de manhã e via-o pôr-se
ao fim da tarde.

Os dias iam-se sucedendo,
cada um diferente do outro.

Contudo, a Pequena Casa
mantinha-se igual.

À noite, observava a lua passar de nova a cheia e passar de lua cheia a nova.

E, quando não havia luar, via as estrelas.

Também via ao longe as luzes da cidade.

A cidade intrigava-a e perguntava-se como seria viver lá.

O tempo passava depressa para a Pequena Casa, que via o campo mudar devagar com a vinda de cada estação.

Na primavera, quando os dias ficavam maiores e mais quentes, esperava pelo melro que ia voltar do sul.

Via a relva ficar verde, os botões das árvores ficarem mais gordinhos,
as macieiras desabrocharem e
as crianças brincarem no riacho.

Nos dias longos de verão, sentava-se ao sol e observava as árvores cobrirem-se de folhas e a colina encher-se de margaridas.

Os jardins ficavam mais frondosos e as maçãs amadureciam.

As crianças nadavam
agora na piscina.

Quando chegava o outono, os dias ficavam mais pequenos e as noites mais frias.

As primeiras geadas emprestavam às folhas tonalidades de amarelo, laranja e vermelho.

As colheitas terminavam e as maçãs eram apanhadas.

Era tempo de as crianças voltarem para a escola.

No inverno, quando as noites eram longas, os dias curtos e o campo estava coberto pela neve, as crianças patinavam e deslizavam pela encosta em trenós.

Os anos foram-se sucedendo...

Algumas macieiras foram envelhecendo e novas foram plantadas em seu lugar.

As crianças cresceram e foram para a cidade... Agora, à noite, as luzes da cidade brilhavam mais e pareciam mais próximas.

Um dia, a Pequena Casa ficou surpreendida
por ver uma carruagem sem cavalos
na estrada sinuosa do campo...
Em breve, essas carruagens enchiam a estrada e
havia cada vez menos das puxadas por cavalos.
Em breve, apareceram topógrafos que traçaram
uma linha diante da Pequena Casa.
Em breve, apareceu uma escavadora que
abriu uma estrada por entre a colina
semeada de margaridas...
Depois, vieram camiões que despejaram grandes
pedras na estrada, outros que despejaram
pequenas pedras na estrada, outros ainda que
trouxeram alcatrão e areia.
Por fim, um rolo compressor alisou tudo e
a estrada ficou pronta.

A Pequena Casa podia agora ver os camiões
e os automóveis a ir e a vir da cidade.

Seguiram-se bombas de gasolina, lojas junto
da estrada e algumas pequenas casas.

Tudo e todos se moviam mais
rapidamente agora.

Construíram-se mais estradas e o campo foi dividido em lotes.

Mais casas e maiores, prédios, vivendas, escolas, armazéns e garagens rodearam a Pequena Casa pouco a pouco.

Ninguém queria viver nela ou dela tomar conta.

Como não podia ser vendida por ouro ou prata, ficou a ver o que se passava em seu redor.

Claro que o sossego da noite tinha desaparecido.

As luzes da cidade eram brilhantes e próximas e as luzes das ruas estavam acesas toda a noite.

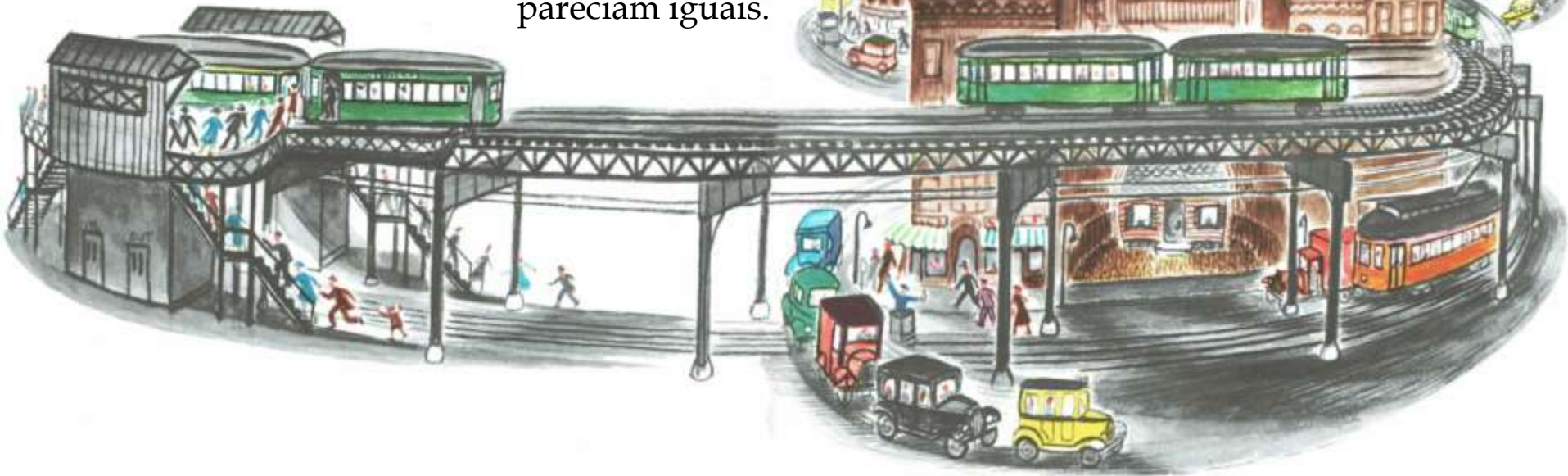
Deve ser assim que se vive na cidade, pensou a Pequena Casa, que não sabia se gostava ou não da ideia.

Tinha saudades do campo de margaridas e das macieiras que dançavam ao luar.

Em breve os tróleis começaram a fazer parte da paisagem e a circular diante da Pequena Casa.

Circulavam todo o dia e durante algumas horas da noite.

Todos pareciam muito ocupados e apressados e um pequeno comboio subia e descia a encosta.

O ar estava cheio de pó e fumo e o ruído era tão elevado que abanava a Pequena Casa, que deixou de saber quando as estações do ano iam e vinham, porque todos os meses pareciam iguais.

O metro também passou a fazer parte da paisagem, pois, embora não fosse visto, a Pequena Casa sentia a sua vibração.

As pessoas andavam cada vez mais depressa e ninguém olhava para a Pequena Casa.

Em breve os prédios e as vivendas foram derrubados e começaram a escavar em redor da Pequena Casa.

Fizeram fundações para aguentar prédios cada vez mais altos, alguns com vinte e cinco andares...

Agora, a Pequena Casa só via o sol ao meio-dia e já não via a lua e as estrelas à noite, porque as luzes da cidade eram demasiado brilhantes.

A Pequena Casa não gostava de viver na cidade.

À noite sonhava com o campo coberto de margaridas e com as macieiras que dançavam ao luar.

Sentia-se muito triste e só. A pintura tinha estalado, as janelas estavam partidas, as portadas mal se seguravam. Tinha um ar desmazelado, embora continuasse a ser a mesma boa casa de sempre.

Numa bela manhã de primavera, chegou a tetraneta do homem que construíra a Pequena Casa com tanto esmero.

Quando viu a casa, não passou adiante. Havia algo na construção que a fez deter-se.

Disse ao marido: ***Há algo nesta casa que me faz lembrar a casa em que vivia a minha avó quando era pequena. Só que essa casa ficava em pleno campo, numa colina cheia de margaridas e rodeada de macieiras.***

Descobriram que se tratava da mesma casa e
foram falar com uma empresa de mudanças
para saber se a casa podia ser deslocada.

A empresa disse que a construção era tão boa
que aguentava qualquer mudança.

Colocaram-na sobre rodas e levaram-na para
fora da cidade, o que fez o trânsito
ficar parado durante horas.

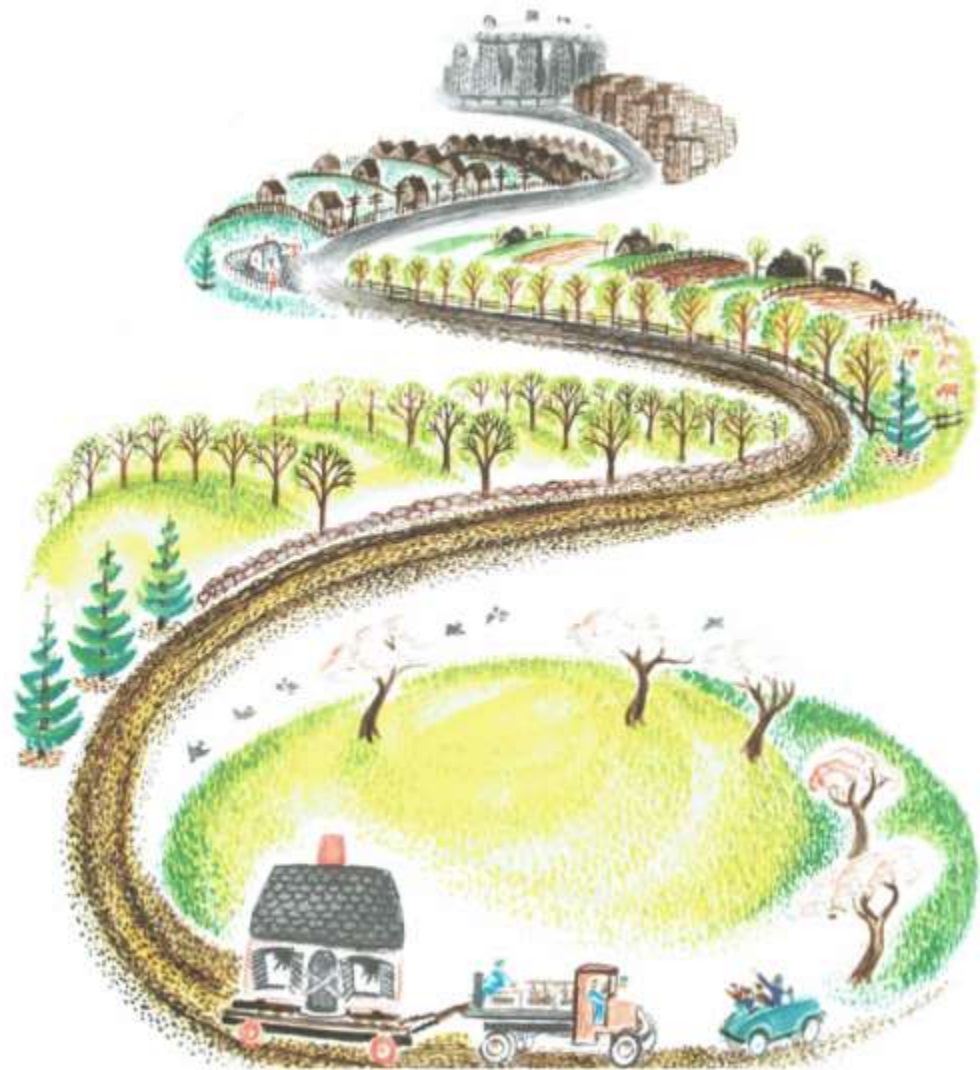
A Pequena Casa sentiu medo a princípio,
mas logo se habituou e até começou
a gostar.

Quando viu de novo a relva verde e
ouviu os pássaros a cantar,
toda a sua tristeza desapareceu.

Tiveram de percorrer muitas estradas até
encontrar uma pequena colina no meio
de um campo rodeado de macieiras.

O lugar dela é ali mesmo, disse a
tetraneta.

Claro que é, pensou a Pequena Casa.

Escavaram o suficiente para colocar
a casa no topo da colina e
começaram a consertá-la.

Janelas, portadas, pintura, tudo foi renovado.

Pintada de cor-de-rosa clarinho,
a Pequena Casa sorria feliz
na sua nova morada.

Podia ver de novo o sol,
a lua e as estrelas.

Podia ver de novo as estações
do ano desfilarem diante de si.

Era habitada e cuidada.

Nunca mais sentiria curiosidade
pela cidade ou quereria lá viver.

As estrelas cintilavam lá no alto
e a lua nova estava para vir.

Era primavera. No campo, tudo
era paz e tranquilidade…